

Separata de:

NATURALIA, vol. VIII, fasc I — 1959.

COMO NASCEU A SECÇÃO
DE ESTUDOS SUBMARINOS
DA
SOCIEDADE PORTUGUESA
DE CIÊNCIAS NATURAIS

POR
LUIZ SALDANHA

COIMBRA
1959

COMO NASCEU A

SECÇÃO DE ESTUDOS SUBMARINOS

DA SOCIEDADE PORTUGUESA DE CIÊNCIAS NATURAIS

Com o aparecimento em 1943 do escafandro autónomo de ar comprimido, do Comandante Jacques Yves Cousteau e do engenheiro Emile Gagnan, uma nova era foi iniciada: a do homem peixe.

A utilidade deste novo invento tornou-se logo bem patente a todos aqueles que se interessam pelas «coisas do mar» e imediatamente o começaram a utilizar.

Ainda hoje se usam dragas e sondas para fazer colheitas a profundidades inacessíveis ao escafandrista autónomo; há anos era o único meio de que dispunham os biólogos para conhecer os animais e plantas que viviam fixados ou nas vizinhanças do fundo. Era um processo muito indirecto de conhecer essas populações bentónicas, pois era a mesma coisa que andar de helicóptero colhendo aqui e ali, às cegas, por meio de uma sonda, amostras de terreno para depois as estudar juntamente com os seres vivos que nelas se encontravam.

O escafandro autónomo abriu novos horizontes, permitindo ao zoólogo, ao botânico ou ao geólogo mergulhar facilmente, pelo menos até 50 metros de profundidade, e observar, colher directa-

mente, fotografar, tomar notas, enfim estudar «in loco» os animais, as plantas ou as rochas pelos quais está interessado, sem ter que recorrer aos antigos e grosseiros processos indirectos.

Muitas espécies consideradas raras tornaram-se vulgares depois do aparecimento deste escafandro, pois como poderia por exemplo uma draga capturar animais dentro de uma gruta? Como poderia colher convenientemente as populações aderentes a uma parede rochosa? Hoje, graças a este maravilhoso invento, o naturalista pode penetrar em grutas submarinas e estudar e colher os seus habitantes, pode ainda percorrer fendas estreitas onde jamais um engenho do tipo clássico penetraria, sem ficar irremediavelmente perdido.

Está portanto aberto um novo campo de actividade científica, que aliada a estudos de laboratório poderá conduzir a interessantes trabalhos e conclusões.

Criaram-se então, em vários países, grupos de investigadores, quase sempre pertencentes a laboratórios de Biologia Marítima ou a Universidades, que mergulhando com os seus escafandros autónomos fazem as suas observações e

as suas colheitas para depois as estudarem no laboratório. É claro que ao lado destes, e por vezes antes, também se criaram muitos grupos de carácter desportivo, mas sempre ansiosos de prestar auxílio

exploradores submarinos, com fins científicos.

Tinha que ser de facto um grupo, pois na exploração submarina impõe-se quase imperativamente a criação de uma equipe, o que facilita o trabalho e torna mais seguras as imersões. Assim um mergulhador pode ser o colector, outro seu companheiro o fotógrafo, outro ainda poderá encarregar-se de tomar notas sobre o material colhido. Mas a maior vantagem reside no facto de em caso de acidente se possam socorrer uns aos outros, sem haver consequências desastrosas.

Geralmente o mais treinado e mais conhecedor é o chefe de equipe e é ele que decide sobre a duração da imersão, em função da qual marca o tempo

que permanecerão nos «paliers» de descompressão.

Foi em Dezembro de 1957, depois de alguns membros da actual S. E. S. (Secção de Estudos Submarinos) terem tomado parte na campanha bio-oceanográfica do NRP «Faial», realizada no verão desse ano, e de se verificar mais



Foto M. G. Fialho Gois

Fig. 1 — Um membro da S. E. S. iniciando um mergulho

aos investigadores que o necessitassem.

É à França, país natal do escafandro autónomo, a quem cabe a honra de ter impulsionado a exploração submarina e de ter os principais entusiastas.

Entre nós há muito que se pensava na criação de um grupo de

uma vez a necessidade que havia de criar um grupo de tal género (de «mergulhadores naturalistas») que a ideia se concretizou.

Reuniu-se então uma dezena de sócios da S. P. C. N., todos bastante interessados no assunto e que além de terem escolhido a designação de «Secção de Estudos Submarinos da S. P. C. N.» para o grupo que se ia formar, estudaram e discutiram os problemas inerentes à sua criação.

Estava portanto garantida a existência, num futuro próximo, de uma equipe treinada no mergulho com escafandro autónomo, não para fazer méro desporto, mas sim para fazer trabalho científico, para assistir quando necessário a outros investigadores impossibilitados de mergulharem, dando-lhes material para os seus estudos, juntamente com as notas referentes às condições em que se encontrava esse material, e dezenas de ensinamentos preciosos que a exploração submarina moderna nos traz constantemente.

Tornava-se portanto necessário organizar cursos teóricos e práticos sobre o mergulho com escafandro autónomo de ar comprimido, de maneira a que os sócios neles inscritos pudessem ficar aptos não só a mergulhar, mas também a saber fazer colheitas, reconhecer espécies e finalmente fotografar.

Pediram-se, então, a título de empréstimo, os escafandros do Aquário Vasco da Gama e do Centro de Biologia Piscatória do Ultramar (então Missão de Biologia Marítima do Ultramar), para com eles se realizarem os cursos de iniciação e as saídas para o mar. As duas instituições deram o melhor acolhimento ao nosso pedido e puseram à nossa disposição, sem entraves nem burocracias complicadas, os seus aparelhos.

Por outro lado, a sociedade «L'Air Liquide» ofereceu-nos o ar para o enchimento dos escafandros.

Estávamos prontos a iniciar a nossa tarefa.

As lições teóricas sobre a fisiologia do mergulho e emprego do escafandro autónomo de ar comprimido foram cuidadosamente preparadas e dadas pelo consócio João Pacheco, juntando-se a elas uma outra lição sobre técnicas de colheita submarina, por Fernando Pedrosa Mendes, e uma visita de estudo ao Aquário Vasco da Gama, igualmente dirigida por este nosso consócio. Durante essa visita, aqueles cuja formação não incluía qualquer dos ramos da Biologia Marítima, puderam observar diversas formas da fauna e da flora que iriam, com certeza, encontrar mais tarde numa das suas explorações submarinas.

Por fim, na piscina do I. S. T. e mais tarde no mar, realizaram-se as aulas práticas sob a direcção de Gerard Castello-Lopes. Estas aulas constaram, como é lógico em cursos deste género, de numerosos

Com o nosso curso de preparação terminado demos início a um pequeno programa de trabalho.

Foi então que por amável deferência do Prof. Dr. Flávio Resende foi posta à nossa disposição



Foto A. Simão

Fig. 2 — Verificando a pressão dos escafandros

exercícios destinados a pôr o futuro mergulhador à vontade no meio líquido, como por exemplo: tirar a máscara debaixo de água e colocá-la, tirar e pôr o escafandro, respirarem simultaneamente dois ou três mergulhadores pelo mesmo escafandro, nadar à superfície com o escafandro vazio, ir equipar-se debaixo de água, e muitos outros mais.

a carrinha do Instituto Botânico. Podíamos assim deslocar-nos para qualquer ponto da costa onde quisessemos mergulhar.

A primeira tarefa que se nos deparou foi a de colher material para estudo e para as colecções pedagógicas da Sala de Estudos de Ciências Naturais, que é como todos sabem o pequeno laboratório dos estudantes de Biologia e de

Geologia da Faculdade de Ciências de Lisboa. Funciona integrada na Associação de Estudantes e sob o patrocínio científico da S. P. C. N.

Nalgumas excursões organizadas pelas secções de Zoologia e de Botânica da Faculdade de Ciências, para os alunos se familiarizarem com a fauna e flora marinhas, tomaram parte membros da S. E. S., também alunos, que colhendo material colaboraram com o trabalho dos professores.

Este verão a S. E. S. organizou uma série de mergulhos em Sesimbra para verificar a existência de uma muralha submarina que segundo os mais velhos pescadores, existia no centro da baía. Chegaram-nos mesmo a contar que os mergulhadores (de capacete) do Vulcânia, que ali mergulharam há bastantes anos viram argolas de bronze a ela presas. Evidentemente que há aqui muita fantasia,

mas quem sabe se não haverá um fundo verídico?

As explorações que realizámos para esclarecer tal ponto foram de certo modo integradas dentro das actividades arqueológicas levadas a cabo no concelho de Sesimbra pelo Dr. Eduardo Serrão, que aí tem efectuado importantes pesquisas.

Os mergulhos que até agora efectuámos não nos permitem por enquanto esclarecer o problema. Cremos no entanto tratar-se de um afloramento rochoso.

Estão assim os membros da S. E. S. aptos, não só a iniciar um largo programa de trabalho, que no futuro se revelará com certeza bastante útil, como também a divulgar a prática do escafandrismo autónomo com fins científicos, hoje em dia um instrumento imprescindível a todo o naturalista que queira estudar o bentos ou a geologia dos fundos marinhos, inferiores a 50 metros.